

PSICOLOGIA sócio-histórica

uma perspectiva crítica
em Psicologia

6ª edição

Ana M. Bahia Bock
M. Graça M. Gonçalves
Odair Furtado (Orgs.)

Wanda M. Junqueira Aguiar
Sergio Ozella
Sandra Gagliardi Sanchez
Edna Maria Peters Kahhale
Fernando L. González Rey
Brônia Liebesny

Sumário

Apresentação à 6ª edição	11
Apresentação	15

PARTE I

Fundamentos teóricos da Psicologia Sócio-Histórica

CAPÍTULO 1 A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia <i>Ana Mercês Bahia Bock</i>	21
CAPÍTULO 2 A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica <i>Maria da Graça Marchina Gonçalves</i>	47
CAPÍTULO 3 A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: o debate pós-moderno <i>Maria da Graça Marchina Gonçalves</i>	67

CAPÍTULO 4	O psiquismo e a subjetividade social <i>Odair Furtado</i>	93
CAPÍTULO 5	Consciência e atividade: categorias fundamentais da Psicologia Sócio-Histórica <i>Wanda M. Junqueira Aguiar</i>	117

PARTE II

Psicologia Sócio-Histórica: metodologia e pesquisa

CAPÍTULO 6	Fundamentos metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica <i>Maria da Graça Marchina Gonçalves</i>	139
CAPÍTULO 7	A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: contribuições para o debate metodológico <i>Wanda Maria Junqueira Aguiar</i>	154
CAPÍTULO 8	Breve histórico do desenvolvimento da pesquisa na perspectiva sócio-histórica na PUC-SP <i>Sergio Ozella e Sandra Gagliardi Sanchez</i>	172

PARTE III

A prática profissional em Psicologia Sócio-Histórica

CAPÍTULO 9	A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica <i>Wanda Maria Junqueira Aguiar, Ana Mercês Bahia Bock e Sergio Ozella</i>	201
-------------------	--	-----

CAPÍTULO 10	Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência	
	<i>Edna Maria Peters Kahhale</i>	221
CAPÍTULO 11	O enfoque histórico-cultural e seu sentido para a Psicologia Clínica: uma reflexão	
	<i>Fernando L. González Rey</i>	239
CAPÍTULO 12	Os desafios no ensino da Psicologia Sócio-Histórica	
	<i>Brônia Liebesny e Sandra G. Sanchez</i>	266
	Sobre os Autores.....	275

PARTE I



Fundamentos teóricos da Psicologia Sócio-Histórica

CAPÍTULO 1

A Psicologia Sócio-Histórica:
uma perspectiva crítica em Psicologia*Ana Mercês Bahia Bock*

A Psicologia tem muitos anos de existência, pois o marco que temos considerado para sua instituição enquanto área específica na ciência é o ano de 1875. As condições para a construção da Psicologia encontram-se, pois, no século XIX. Nesse período, a burguesia moderna ascende enquanto classe social. Todas as transformações daí decorrentes são consideradas condições históricas para o surgimento da ciência moderna e posteriormente da Psicologia. A ênfase na razão humana, na liberdade do homem, na possibilidade de transformação do mundo real e a ênfase no próprio homem foram características do período de ascensão da burguesia que permitiram uma ciência racional, que buscou desvendar as leis da

natureza e construir um conhecimento pela experiência e pela razão. Um método científico rigoroso permitia ao cientista observar o real e construir um conhecimento racional, sem interferência de suas crenças e valores. Assim, surge a ciência moderna: experimental, empírica, quantitativa.

Outras características marcam a ciência no século XIX: positivista, porque se constituiu como sistema baseado no observável; racionalista, pela ênfase na razão como possibilidade de desvendar as leis naturais; mecanicista, porque se pautou na ideia do funcionamento regular do mundo, guiado por leis que poderiam ser conhecidas; associacionista, porque se baseou na concepção de que as ideias se organizam na mente de forma a permitir associações que resultam em conhecimento; atomista, pela certeza de que o todo é sempre o resultado da organização de partes; e determinista, porque pensou o mundo como um conjunto de fenômenos que são sempre causados e que essa relação de causa-efeito pode ser descoberta pela razão humana.

A partir dessas concepções, em 1875, Wundt (1832-1920) distinguiu a Psicologia como uma ciência. Um objeto próprio caracterizava a nova ciência: a experiência consciente. Wundt reconhecia o caráter básico dos elementos da consciência (atomismo), mas se diferenciava do associacionismo por pensar a consciência como processo ativo na organização de seu conteúdo pela força da vontade. Via o pensamento humano, ao mesmo tempo, como produto da natureza e como criação da vida mental. Concebia o indivíduo ao mesmo tempo como criatura e como criador. Sem nos aprofundarmos nessas questões, queremos apenas apontar que, já em seu nascimento, a Psicologia carregava as contradições do humano, sem que fossem percebidas enquanto tais e sem que se pudesse pensar em uma ciência unificada. Wundt, por não ter instrumentos metodológicos para solucionar essas contradições, que só seriam solucionadas pelo método dialético, sugeriu duas

psicologias: uma Psicologia Experimental e uma Psicologia Social, de modo a resolver as dicotomias natural e social; autonomia e determinação; interno e externo. Seus seguidores enfrentarão esses pêndulos, escolhendo um dos polos da dicotomia. Titchener (1867-1927) concebeu o homem como dotado de uma estrutura que permite que a experiência se torne consciente; James (1842-1910), ao contrário, pensou o homem como um organismo que funciona em um ambiente e a ele se adapta. O Comportamentalismo pensou o homem como produto de condicionamentos, a *Gestalt* valorizou as experiências vividas e a Psicanálise enfatizou as forças que o homem não domina e não conhece, mas que o constituem. Todas as abordagens se constituíram como esforços para que a ciência psicológica pudesse dar conta de compreender o homem e seu contato com o mundo real. Nenhuma delas, no entanto, superou as perspectivas mecanicista e determinista presentes já em Wundt. *Mecanicista* por pressupor uma regularidade no humano, como se fosse uma máquina dotada de funcionamento próprio, que, por ser natural, pode ser desvendado e conhecido. O homem pensado como máquina. Não podemos nos esquecer de que o pensamento moderno é impregnado dessa perspectiva mecanicista. *Determinista*, por pressupor causas para o “efeito homem” que observamos. Além disso, há marcadamente a perspectiva do homem apriorístico, com estruturas ou mecanismos prontos que permitem seu funcionamento regular enquanto ser humano. As diferenças entre as várias perspectivas teóricas que vão aos poucos sendo construídas, portanto, não se dão nesse plano. Apenas ocorrem no balanço do pêndulo: interno/externo; psíquico/orgânico; comportamento/vivências subjetivas; natural/social; autonomia/determinação.

A questão estava e está em que, em qualquer dos lados do pêndulo, a compreensão do fenômeno psicológico é incompleta, pois fica sempre faltando o outro lado. Esses aspectos não podem

mais ser vistos como oposição um ao outro. Esses elementos são a contradição presente do fenômeno psicológico; enquanto não assumirmos esse movimento existente no interior do próprio fenômeno, não avançaremos na sua compreensão.

A Psicologia Sócio-Histórica, que toma como base a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski (1896-1934), apresenta-se desde seus primórdios como uma possibilidade de superação dessas visões dicotômicas. O discurso de Vigotski, no II Congresso Pan-Russo de Psiconeurologia, em 1924, sobre o método de investigação reflexológica e psicológica, demonstra-o com clareza, ao fazer a crítica a posições que foram consideradas reducionistas e ao incentivar a produção de uma Psicologia dialética.

A Psicologia Sócio-Histórica carrega consigo a possibilidade de crítica. Não apenas por uma intencionalidade de quem a produz, mas por seus fundamentos epistemológicos e teóricos.

Fundamenta-se no marxismo e adota o materialismo histórico e dialético como filosofia, teoria e método. Nesse sentido, concebe o homem como ativo, social e histórico; a sociedade, como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material; as ideias, como representações da realidade material; a realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas ideias; e a história, como o movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de ideias, incluindo a ciência e a Psicologia.

Neste capítulo, como uma apresentação da abordagem, discutiremos alguns aspectos desenvolvidos pela Psicologia Sócio-Histórica a partir desses princípios, os quais caracterizam sua postura crítica.

Nos demais capítulos, esses fundamentos teóricos, epistemológicos e metodológicos serão desenvolvidos.

Abandonando a visão abstrata do fenômeno psicológico

O primeiro aspecto é o abandono da visão abstrata do fenômeno psicológico e a crítica a ela.

No decorrer desses cem anos de existência, influenciada pelas perspectivas dominantes no pensamento ocidental moderno, a Psicologia construiu visões do homem e do fenômeno psicológico que precisam ser superadas.

O liberalismo, ideologia fundamental do capitalismo, nasceu com a revolução burguesa para revolucionar a ordem feudal e instituiu-se para garantir a manutenção da ordem que se instalava.

A burguesia constituiu as ideias liberais para se opor à ordem feudal: uma ordem baseada na existência de uma hierarquia no universo; um mundo pensado como estável, ordenado e organizado pela vontade divina. Um mundo pronto no qual a verdade se revelava aos indivíduos. A hierarquia no universo se refletia na hierarquia entre os homens. Um mundo paralisado, no qual cada um já nascia no lugar em que deveria ficar. Um universo que tinha a Terra como centro. Um mundo de fé e dogmas religiosos que oferecia aos homens ideias prontas e valores a serem adotados. Um mundo que desconheceu individualidades, impedindo que os sujeitos se constituíssem como tais. Um mundo que não precisou de uma Psicologia.

Assim, como oposição a essas ideias do feudalismo, a perspectiva liberal tem como um de seus elementos centrais a valorização do indivíduo: o individualismo. Cada indivíduo é um ser moral que possui direitos derivados de sua natureza humana. Somos indivíduos e somos iguais, fraternos e livres, com direito à propriedade, à segurança, à liberdade e à igualdade.

A visão liberal rompia a estabilidade do mundo, sua hierarquia e suas certezas. O indivíduo estava agora no centro e poderia e

deveria se movimentar. Por que surgiam essas ideias liberais? Porque o capitalismo precisava delas; precisava pensar o mundo em movimento, para explorar a natureza em busca de matérias-primas e para dessacralizá-la. O capitalismo precisava do indivíduo, como ser produtivo e consumidor. A Terra já podia então tomar seu humilde lugar no universo. A verdade já podia ser plural. O mundo estava posto em seu movimento. O homem também estava em seu movimento. E neste mundo, agora incerto, o homem se viu diante da possibilidade de ser, de pensar e de fazer. A escolha tornava-se uma exigência e um elemento da condição humana. Escolher entre várias possibilidades e escolher diferentemente de outros permite desenvolver uma noção de indivíduo e, conseqüentemente, uma noção de eu entre os homens.

Fertilizando esses novos elementos, assistimos ao desenvolvimento da noção de vida privada. Estudos atuais mostram como a vida coletiva vai dando lugar a um espaço privado de vida. As casas modificam sua arquitetura para reservar aos indivíduos locais privados; os nomes se individualizam; roupas, guardanapos e lençóis ganham marcas, de modo a permitir sua identificação. A vida do trabalho sai da casa para a fábrica, modificando o caráter da vida pública. A casa torna-se lugar reservado à família que, em seu interior, divide espaços, de forma a permitir lugares mais individuais e privados. Os banheiros saem dos corredores para se tornar lugares fechados e posteriormente individualizados.

A noção de eu e a individualização nascem e se desenvolvem com a história do capitalismo. A ideia de um mundo “interno” aos sujeitos, da existência de componentes individuais, singulares, pessoais, privados toma força, permitindo que se desenvolva um sentimento de eu. A possibilidade de uma ciência que estude esse sentimento e esse fenômeno também é resultado desse processo histórico. A Psicologia se torna necessária.

As ideias liberais, construídas no decorrer do desenvolvimento do capitalismo, permitem a construção de determinada Psicologia. Essas ideias caracterizam-se fundamentalmente por pensar o homem a partir da noção de natureza humana. Uma natureza que nos iguala e exige liberdade, como condição para desenvolver nossas potencialidades como seres humanos.

Com essas ideias de igualdade natural entre os homens, o liberalismo propiciou o questionamento das hierarquias sociais e das desigualdades características do período histórico do feudalismo. Ao homem deveriam ser dadas as melhores condições de vida para que seu potencial natural pudesse desabrochar. Diante das enormes desigualdades sociais do mundo moderno, o liberalismo produziu sua própria defesa, construindo a noção de diferenças individuais decorrentes do aproveitamento diferenciado que cada um faz das condições que a sociedade “igualmente” lhe oferece.

Assim, as condições históricas desse período permitiram o surgimento da Psicologia e do próprio fenômeno psicológico, do modo como está constituído hoje. As ideias “naturalizadoras” do liberalismo serão responsáveis pela concepção de fenômeno psicológico que se tornará dominante na Psicologia. Para tratar desse assunto, relembramos alguns dados da pesquisa realizada por Bock (1999) com psicólogos de São Paulo acerca do significado do fenômeno psicológico.

Na publicação de tese de doutorado, Bock (1999) relata que, em questionários aplicados a 44 psicólogos, encontrou muitas definições para o fenômeno psicológico:

acontecimento organísmico, manifestações do aparelho psíquico, individualidade, algo que ocorre na relação e é o que somos, conflitos pulsionais, confusão mental, manifestação do homem, pensar e sentir o mundo, o homem e a relação com o meio, consciência, saber-se indivíduo, o que se mostra, subjetividade, funções egoicas,

existência intersubjetiva, experiências, vivências, loucura, distúrbio, o próprio homem, evento estruturante do homem, comportamento, engrenagem de emoção, motivação, habilidades e potencialidades, experiências emocionais, psique, pensamento, sensação, emoção e expressão, entendimento de si e do mundo, manifestação da vida mental, tudo que é percebido pelos sentidos, é consciente e é inconsciente (Bock, 1999, p. 173).

Cabe acrescentar alguns dados a esse trabalho. Os psicólogos utilizam-se de chavões para designar o fenômeno psicológico:

O fenômeno é bio-psico-social;
O fenômeno envolve ou implica a interação entre pessoas;
O fenômeno se refere a um indivíduo que é agente e sujeito (Bock, 1999, p. 174).

Elementos recorrentes nas respostas aos questionários indicam a busca de uma conceituação consensual entre os psicólogos:

É um fenômeno interior ao homem;
Tem vários componentes;
É uma estrutura, uma organização interna ao homem;
Possui aspectos conscientes e inconscientes;
Há algo de biológico e de social neste fenômeno;
A interação é importante na sua constituição (interação com o meio, com os outros);
Recebe influência de fora e influência do meio;
É um fenômeno passível de ser conhecido (consciente), mas tem aspectos a que não se tem acesso (inconsciente);
O psicólogo possui instrumento e conhecimentos para contribuir no conhecimento desse fenômeno e na sua reestruturação;
É um fenômeno que se desestrutura. A noção de desequilíbrio, de desorganização, de desestruturação é bastante presente. Alguns

identificam o fenômeno com a sua desestruturação, isto é, o fenômeno é a doença, o desequilíbrio ou o conflito;

Há uma noção, presente em alguns questionários, que é a identificação do fenômeno com a possibilidade de o indivíduo relacionar-se consigo mesmo (Bock, 1999, p. 174-75).

Mas que coisa é esta, o fenômeno psicológico?

Ora é processo, ora é estrutura, ora manifestação, ora relação, ora é conteúdo, ora é distúrbio, ora experiência. É interno, mas tem relação com o externo. É biológico, é psíquico e é social; é agente e é resultado; é fenômeno humano, relacionado ao que denominamos “eu”.

O fenômeno psicológico, seja qual for sua conceituação, aparece descolado da realidade na qual o indivíduo se insere e, mais ainda, descolado do próprio indivíduo que o abriga. Esta é a noção: algo que se abriga em nosso corpo, do qual não temos muito controle; visto como algo que em determinados momentos de crise nos domina sem que tenhamos qualquer possibilidade de controlá-lo; algo que inclui “segredos” que nem mesmo nós sabemos; algo enclausurado em nós que é ou contém um “verdadeiro eu”.

E aqui cabe falar da relação desse fenômeno psicológico com o meio social e cultural. Embora muitos psicólogos considerem essa relação como necessária e importante, ela é vista como uma relação na qual o “externo” (mundo social) impede e dificulta o pleno e livre desenvolvimento de nosso mundo “interno” (psicológico). O mundo social é um mundo estranho ao nosso eu. Um lugar no qual temos de estar; por isso, só nos resta nos adaptarmos a ele. E a história desse aparato psicológico passa a ser a história da sua adaptação ao mundo social, cultural e econômico. Trabalhar, relacionar-se, aprender, fazer são atividades dessa adaptação. Amar, emocionar-se, perceber, motivar-se são vistas também como possibilidades humanas que se desenvolvem, ou melhor, se atualizam (pois já eram potencializadas) neste mundo externo.

Um fenômeno abstrato, visto como característica humana. Um fenômeno que existe em nós, como estrutura, processo, expressão, ou qualquer uma de suas conceituações, porque somos humanos e ele pertence a nossa natureza. Fica então naturalizado o fenômeno psicológico. Algo que lá está como possibilidade, quando nascemos; algo que deverá ser fertilizado por afeto, estimulações adequadas e boas condições de vida, mas que lá está, pronto para desabrochar.

A Psicologia Sócio-Histórica não trabalha com essa concepção. Acredita que o fenômeno psicológico se desenvolve ao longo do tempo. Assim, o fenômeno psicológico:

- não pertence à Natureza Humana;
- não é preexistente ao homem;
- reflete a condição social, econômica e cultural em que vivem os homens.

Portanto, para a Sócio-Histórica, falar do fenômeno psicológico é obrigatoriamente falar da sociedade. Falar da subjetividade humana é falar da objetividade em que vivem os homens. A compreensão do “mundo interno” exige a compreensão do “mundo externo”, pois são dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói/modifica o mundo e este, por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem.

As capacidades humanas devem ser vistas como algo que surge após uma série de transformações qualitativas. Cada transformação cria condições para novas transformações, em um processo histórico, e não natural. O fenômeno psicológico deve ser entendido como construção no nível individual do mundo simbólico que é social. O fenômeno deve ser visto como subjetividade, concebida como algo que se constituiu na relação com o mundo material e social, mundo este que só existe pela atividade humana.

Subjetividade e objetividade se constituem uma à outra sem se confundir. A linguagem é mediação para a internalização da objetividade, permitindo a construção de sentidos pessoais que constituem a subjetividade. O mundo psicológico é um mundo em relação dialética com o mundo social. Conhecer o fenômeno psicológico significa conhecer a expressão subjetiva de um mundo objetivo/coletivo; um fenômeno que se constitui em um processo de conversão do social em individual; de construção interna dos elementos e atividades do mundo externo. Conhecê-lo dessa forma significa retirá-lo de um campo abstrato e idealista e dar a ele uma base material vigorosa. Permite ainda que se superem definitivamente visões metafísicas do fenômeno psicológico que o concebiam como algo súbito, algo que surge no homem, ou melhor, algo que já estava lá, em estado embrionário, e que se atualiza com o amadurecimento humano. O homem e o fenômeno psicológico, pensados como sementes que se desenvolvem e desabroçam.

E por que a Psicologia Sócio-Histórica é crítica a essas perspectivas?

Porque tais perspectivas fazem uma Psicologia descolada da realidade social e cultural, que é constitutiva do fenômeno psicológico. E essa é uma questão importante, porque é a partir dessa “descolagem” que se constitui o processo ideológico da Psicologia. Passamos a contribuir significativamente para ocultar os aspectos sociais do processo de construção do fenômeno psicológico em cada um de nós. Fazemos ideologia.

Ideologia, como definida por Charlot, é

um sistema teórico, cujas ideias têm sua origem na realidade, como é sempre o caso das ideias; mas que coloca, ao contrário, que as ideias são autônomas, isto é, que transforma em entidades e em essências as realidades que ele apreende, e que, assim, desenvolve uma representação ilusória ao mesmo tempo daquilo sobre o que trata e dele

próprio; e que, graças a essa representação ilusória, desempenha um papel mistificador, quase sempre inconsciente (o próprio ideológico é mistificado, acredita na autonomia de suas ideias): as ideias assim destacadas de sua relação com a realidade servem, com efeito, para construir um sistema teórico que camufla e justifica a dominação de classe. Ideológico não significa, portanto, errôneo [...]. Aliás, é porque uma ideologia é um sistema ilusório e não um sistema de ideias falsas que é social e potencialmente eficaz (Charlot, 1979, p. 32).

Chaui ajuda-nos a completar o conceito quando afirma que a operação da ideologia é a

criação de universais abstratos, isto é, a transformação das ideias particulares da classe dominante em ideias universais de todos e para todos os membros da sociedade. Essa universalidade das ideias é abstrata porque não corresponde a nada real e concreto, visto que no real existem concretamente classes particulares e não a universalidade humana. As ideias da ideologia são, pois, universais abstratos (Chaui, 1981, p. 95).

A ideologia é, assim, uma representação ilusória que fazemos do real. O ilusório da ideologia está em que parte da realidade fica ocultada nas constituições ideais. Na Psicologia, ao construir as noções e teorizações sobre o fenômeno psicológico, temos ocultado sua produção social. As consequências disso são danosas do ponto de vista das possibilidades de a Psicologia contribuir para a denúncia e a transformação das condições de vida constitutivas do fenômeno.

O fenômeno psicológico, como qualquer fenômeno, não tem força motriz própria. É na relação com o mundo material e social que se desenvolvem as possibilidades humanas. Claro, há um corpo biológico que se instituiu como elemento básico da relação e é nele que se processará o que estamos chamando de fenômeno psicológico. Essa relação com o mundo, através da atividade dos sujeitos, torna-se essencial para que algo ocorra em nós.

Este livro se destina a psicólogos, estudantes de Psicologia e interessados no debate da construção social do indivíduo e de sua subjetividade.

Os temas e questões que estão aqui apresentados são fruto da construção coletiva da equipe de Psicologia Sócio-Histórica da Faculdade de Psicologia da PUC de São Paulo.

A Psicologia Sócio-Histórica vem se desenvolvendo, no Brasil, nos últimos vinte anos e tem suas raízes na obra de pensadores russos como Vigotski, Luria, Leontiev e outros.

Esta obra pretende ser introdutória na Psicologia Sócio-Histórica, trazendo os fundamentos teóricos da abordagem, assim como a discussão metodológica e o debate sobre a prática a partir dessa perspectiva.

ISBN 978-85-249-2332-6



9

788524923326

 **CORTEZ**
EDITORA